

Bagatelas literárias ou questões da criação estética dinisiana?

Pareceu-nos oportuno, atendendo ao tema do presente número desta revista sobre o «discurso feminino», lembrar aqui a existência, apesar de curta, de Diana de Aveleda na 'vida' de Júlio Dinis. Não se trata neste caso, como poderia à primeira vista parecer, da eventual companheira do romancista que em vão a crítica procurou, nem tão pouco da musa inspiradora do seu génio; trata-se, sim, do outro pseudónimo adoptado por Gomes Coelho, por certo menos conhecido do público em geral que o de Júlio Dinis.

A manifestação da pseudonímia em Joaquim Guilherme Gomes Coelho não constitui caso complicado do ponto de vista explicativo, quando muito apenas curioso por se tratar aqui de um pseudónimo feminino que oculta uma identidade masculina; acreditamos que tal procedimento tenha apenas a ver com razões de natureza psicológica – a escrita era para Júlio Dinis um acto íntimo – e não, como certos entendidos pretenderam, com certa falta de coragem para enfrentar a crítica das suas obras.

A produção literária de Diana de Aveleda, se assim podemos chamar à correspondência que deixou, restringe-se a meia dúzia de cartas que assinou com este nome entre 1863 e 1868. No entanto, elas são demasiado ricas em informação para poderem ser ignoradas, não só pelo seu pendor autobiográfico, mas principalmente porque remetem para aspectos da estética literária dinisiana, que prenunciam afinal certo envolvimento, *sui generis*, naturalmente, com a já latente Questão Literária, bem como para o novo panorama histórico-social surgido depois da Revolução Liberal.

Diversos biógrafos do escritor tentaram de alguma forma explicar o surgimento deste pseudónimo feminino invocando a morte prematura da mãe de Gomes Coelho e a ausência, de um modo geral, de figuras femininas na sua vida real, factos que teriam levado Júlio Dinis a recriar nos seus romances – como realmente fez – universos de acção predominantemente femininos. As personagens principais dinisianas são, a par de algumas figu-

ras masculinas, mulheres que têm fundamentalmente uma função pedagógica a desempenhar entre si, na medida em que se conduzem umas às outras, mas também o fazem em relação a um público que pressentimos ser no romancista essencialmente feminino. Não foi só Júlio Dinis que, como todos sabem, se dedicou à educação da mulher, mas foi também Diana de Avelada, e de forma igualmente convicta, exigindo das mulheres na vida real, tal como o romancista na sua ficção, uma conduta moral exemplar. Esta visível preocupação tão imbricada em 'ambos' com o eterno ou 'etéreo' feminino, como diria Cecília Meireles a este propósito, consolida-se na mulher, redentora de todas as desgraças e tristezas (Cf. «Presença feminina na obra de Júlio Dinis» in *Ocidente*, IX, nº 24, 1940, pp. 32-45).

Antes, porém, de passarmos ao verdadeiro objectivo do presente documento de trabalho, isto é, à publicação dos trechos mais elucidativos da carta que em nosso entender melhor ilustra o que para trás ficou dito e que dá conta ao mesmo tempo de uma curiosa polémica surgida entre Diana de Avelada e Ramalho Ortigão, não resistimos à tentação de transcrever um excerto de outra carta da mesma 'autora', publicada em Maio de 1864 n' *O Jornal do Porto*, já que nela Diana de Avelada faz a apologia de um género de literatura, cultivado pelo próprio Júlio Dinis, de natureza simples e de cunho eminentemente populista e filantrópico. Essa literatura, no dizer da mesma autoridade, encontrara em *Os Contos do Tio Joaquim* de Rodrigo Paganino o seu melhor exemplo, pelo que a sua influência é constante ao longo de toda a obra produzida pelo romancista. A carta em questão é bem reveladora da preocupação da sua autora em definir os parâmetros do que deveria ser uma verdadeira arte de escrever romances, motivo que terá levado Sousa Viterbo (Júlio Dinis, *Inéditos e Esparsos*, «Palavras Preliminares» 27ª ed., Lisboa, J. Rodrigues e Cia., 1938, p. XIV) a afirmar que esta carta deveria inclusivamente constar na já extensa bibliografia da *Questão do Bom Senso e Bom Gosto*:

A imprensa havia recomendado pouco esse livro [de Paganino]. Tem desses descuidos a imprensa. Li-o por isso sem a menor prevenção favorável. [...] é deste género de literatura que o povo precisa; é por esta forma que se

resolve a importante questão das subsistências intelectuais, não menos valiosa do que a que ocupa as atenções dos economistas.

Pouco tempo antes discutia-se primazias entre os «Lusíadas» e o poema do senhor Tomás Ribeiro; tratava-se de tirar a limpo qual dos dois seria preferível como livro para leitura nas aulas de instrução primária.

Todos se lembram dessas renhidas controvérsias. Eu por mim nunca pude tomá-las a sério naquele ponto. Achei sempre muita graça ao empenho em que via metidos os críticos. Quem se podia convencer seriamente que qualquer daqueles excelentes livros fosse próprio para as inteligências infantis dos pequenos leitores?

Um com o seu sabor clássico e épico e suas comparações mitológicas, o outro com o seu pronunciadíssimo carácter de lirismo e suas imagens românticas e arrojadas e ambos a suscitarem fundamentadas apreensões nos mestres, por um ou outro episódio, que, baldados os esforços dos críticos, ninguém poderá considerar como demasiado edificantes.

Ora quando eu li o livro de Paganino pareceu-me encontrar nele justamente tudo o que debalde os críticos procuravam nos outros. Aquele, sim, era um livro verdadeiramente escrito para o povo e para as crianças! Livro em que a atenção se prende pela verdade, em que o gosto se educa pelo estilo, em que o sentimento se cultiva por uma moral sem liga, porque é a moral do Decálogo e do Evangelho; livro escrito segundo o programa estabelecido por Lamartine naquele belo prefácio da «Genoveva» e talvez mais fielmente observado ainda por o nosso romancista que por o próprio legislador.

Lembro-me bem que o li a um rancho de raparigas do campo e pude observar como elas o compreendiam sem custo. Não havia palavra que ignorassem, uma maneira de dizer que lhes causasse estranheza; as imagens faziam-nos sorrir pela exactidão, como sorrimos ao ver o retrato fiel de uma pessoa conhecida; não eram caracteres extravagantes, paixões excepcionais, situações inesperadas e únicas o que assim lhes absorvia a atenção; pelo contrário, era por aqueles personagens pensarem, sentirem e viverem como elas, que tanto lhes interessava o livro. [...] aquele volume, escrito para se ler no campo, como eu li, junto à fogueira que crepita no lar, sobre a ponte rústica que atravessa o ribeiro ou no degrau da ermida que, elevando-se no topo do monte, domina a aldeia toda, passou quase despercebido no mundo das letras.

Discursos

Não suscitou esse murmúrio literário, que acompanha certas obras felizes, murmúrio em que se reúne o louvor à maledicência, à hipérbole laudatória, à calúnia escandalosa, os guindados elogios às censuras exageradas. Foi um livro anunciado apenas, lido por poucos, comprado por menos, livro cujo autor não tem o seu retrato gravado na «Revista Contemporânea» e que portanto quem quer tem o direito de desconhecer. E, apesar de tudo isso, aquele livro, como disse não sei quem, a respeito não sei de que obra, era alguma coisa mais do que um bom livro, era uma boa acção. [...] (*Cartas e Esboços Literários*, Porto, Livraria Civilização-Editora, 1979, pp. 180-182).

E passemos finalmente à carta de 1863, publicada n' *O Jornal do Porto* (nº 44, 25 de Fevereiro de 1963) em que Diana de Aveleda responde de forma calorosa ao folhetinista Ramalho Ortigão¹. Não podemos contudo deixar de chamar a atenção, para o facto de este último julgar estar realmente em presença de uma carta escrita por um punho feminino, a avaliar pelas suas próprias palavras em nota inclusa ao referido folhetim, parecendo, por outro lado, aparentemente não se importar muito com a ideia de poder tratar-se de um pseudónimo literário ou de um nome verdadeiro. É de realçar ainda a atmosfera realista criada pela 'autora' para nela inserir todo um universo feminino, chamando a si inclusivamente a própria função de mãe. A caracterização que faz das duas filhas, Ernestina e Luiza, exemplos de verdadeira modéstia e recato feminino, lembra-nos imediatamente outros pares de personagens femininas típicos de certos romances. Pensamos, por exemplo, em Margarida e Clara em *As Pupilas do Senhor Reitor*, ou ainda em Madalena e Cristina em *A Morgadinha dos Canaviais ...*

¹ Texto transcrito de Júlio Dinis – *Cartas e Esboços Literários*, Porto, Livraria Civilização-Editora, 1979; cotejado pelo texto d' *O Jornal do Porto*.

FOLHETIM

COISAS VERDADEIRAS (*)

Ao folhetinista do *Jornal do Porto*.

ILL. ^{MO}. 6NR.

Ha tempos escreveu v. s.^a no *Jornal do Porto* um folhetim onde, debaixo da pèrda e insinuante epigraphie de *Coisas innocentes*, dizia as falsidades mais abominavelmente culpaveis que eu tenho lido em folhetims, dos quaes não é de ordinario a innocencia a feição característica.

Logo eu duvidei da sinceridade e exactidão do titulo, quando ao curto argumento que se lhe segue e no qual se acha em resumo, como é de estilo — o thema da sub-sequente dissertação, vi duas palavras que quaes nunca se juntam sem prejuizo reciproco para as ideias que designam — *A philosophia e a mulher*.

É sabido que uma eterna pendencia, perpetuada através dos seculos, lavra entre nós, as mulheres, e os philosophos, essa porção mais impertinente pertenciosa do sexo feio, do qual v. s.^a é um exemplar.

isto vem de longe!

Veja o que disse Salomão, citado por v. s.^a, Salomão que, se acreditarmos as letras sagradas, tinha motivos para fallar de nós com mais conhecimento de causa; recorde-se de Aristoteles o maior folhetinista do seu tempo.

Quando se separava uma obra por concluir nas officinas da natureza; repare como Democrito, também trazido a juizo ha poucos dias por v. s.^a, Democrito, que, dizem, em todo achava pasto para a sua alacridade.

chegou a arrancar os olhos, fallo também sob a responsabilidade de Tertuliano e de v. s.^a, para não ver mulher nenhuma; lembrança a que v. s.^a muito ajuizadamente taxou de estúpida com grande aprasimento meu.

(*) Recebi hontem o escripto que hoje se publica com este titulo, e que será concluido na folha de amanhã. Era elle acompanhado de uma carta muito elegante igualmente escripto com o titulo de *Coisas innocentes* a bagatella que me proporcionou esta honra. Ignoro se *Diana de Avellêda* é um pseudonimo ou um nome. Basta-me tambem saber que é uma senhora quem o escreve. Em um folhetim que hei de publicar brevemente buscarei provar que fui mal comprehendido e mal analysado pela minha leitora e collaboradora excellente. No emtanto curvo-me muito respeitosamente diante da fineza que acabo de receber, e ponho o meu cordial agradecimento aos pés de *Diana de Avellêda*.

RAMALHO ORTIGÃO.

FOLHETIM

COISAS VERDADEIRAS (*)

Ao folhetinista do «Jornal do Porto»

Il.mo Sr.

Há tempos escreveu v. s.^a no *Jornal do Porto* um folhetim, onde, debaixo da pérfida e insinuante epígrafe de *Coisas inocentes*, dizia as falsidades mais abominavelmente culpáveis que eu tenho lido em folhetins, dos quais não é, de ordinário a inocência a feição característica.

Logo eu duvidei da sinceridade e exactidão do título, quando no curto argumento que se lhe segue e no qual se acha em resumo – como é de estilo – o tema da subsequente dissertação, vi duas palavras que quase nunca se juntam sem prejuízo recíproco para as ideias que designam – *A filosofia e a mulher*.

É sabido que uma eterna pendência, perpetuada através dos séculos, lavra entre nós, as mulheres, e os filósofos, essa porção mais impertinente pretensão do sexo feio, do qual v. s.^a é um exemplar.

E isto vem de longe!

Veja o que disse Salomão, citado por v. s.^a, Salomão que, a acreditarmos as letras sagradas, tinha motivos para falar de nós com mais conhecimento de causa; recorde-se de Aristóteles, o maior folhetinista do seu tempo, o qual nos supunha uma obra por concluir nas oficinas da natureza; repare como Demócrito ... também

* Recebi ontem o escrito, que hoje se publica com este título e que será concluído na folha de amanhã. Era ele acompanhado de uma carta muito elegante e igualmente assinada pela autora. Aplaudo-me de haver escrito com o título de *Coisas inocentes* a bagatela que me proporcionou esta honra. Ignoro se *Diana de Avelada* é um pseudónimo ou um nome. Basta-me também saber que é uma senhora quem o escreve. Em um folhetim que hei-de publicar brevemente, buscarei provar que fui mal compreendido e mal analisado pela minha leitora e colaboradora excelente. No entanto curvo-me muito respeitosamente diante da fineza que acabo de receber e ponho o meu cordial agradecimento aos pés de *Diana de Avelada*.

Discursos

trazido a juízo há poucos dias por v. s.^a, Demócrito, que, dizem, em tudo achava pasto para a sua alacridade, chegou a arrancar os olhos, falo também sob a responsabilidade de Tertuliano e de v. s.^a, para não ver mulher nenhuma, lembrança que v. s.^a muito ajuizadamente taxou de estúpida, com grande aprazimento meu.

E depois disto, depois de tantas causas de agravo, com que olhos poderemos nós encarar os filósofos e a filosofia, não me dirá?

Poucos são os que, à imitação dos três que mencionei, se não distraíram em seus momentos de pedantesco *spleen*, à custa de nós outras mulheres, caluniando-nos, ensaiando em nossa humilde personalidade as suas aguadas vocações epigramáticas, tentando até ter espírito, que é o ponto mais alto a que podem subir as aspirações de um filósofo.

[...]

É irreconciliável já agora esta aversão que nos separa deles; um ódio perpétuo cavará entre nós um abismo imensurável. Nunca seus livros terão acesso em nossos gabinetes, nunca repousarão às nossas cabeceiras ou em nossos cestos de costura.

Podem-se esfalfar e mumificar esses senhores à vontade em estupendas elucubrações sobre a *identidade do eu* e do *não eu*, sobre os *fins finais*, as *essências* e as *modalidades*, e quantas outras extravagâncias lhes acudam à ideia, que nunca farão com que uma mulher, verdadeiramente digna deste nome, lhes conceda um só momento de suas horas de deliciosos e frequentes ócios.

[...]

Assim: há mulheres que, como M.^{me} Dacier, sabem o grego e traduzem Homero! Que abominável saber! Outras, como a nossa Alcipe, que entendia o latim! Algumas até, ó monstruosa aberração! que chegam, como não sei que marquesa parisiense, a comentar o próprio Newton e a lidar com fórmulas algébricas; isto com grande aplauso dos filósofos, a quem essas tais agradam!

São exactamente as que eu detesto; [...]

Para mim, a mulher verdadeira é, por exemplo, aquela Licínia de um romance de Mery, que adormeceu enquanto um filósofo *lakista* lhe lia uma dissertação sobre os sonhos e que, dormindo, converteu o tal filósofo ... à razão.

É a mulher como a Ifigénia do teatro grego que votada à morte, chora, ajoelha-se, procura comover, implora a vida, lamenta as flores que vai deixar, o esplendor do dia, a claridade do céu, os prazeres gozados e tantos outros, vagamente entrevistos ainda e de que o futuro lhe falava. [...]

Esta é que é a verdadeira mulher, a mulher frágil e não as estóicas heroínas

que tanto vos despertam a atenção e o interesse.

A mulher digna de o ser é aquela em cuja ortografia os eruditos tenham que lamentar a ignorância absoluta das letras gregas e latinas, a que dos jornais políticos só lê o folhetim, a que dum livro passa em claro os prólogos, que põe de parte as considerações filosóficas dos romancistas para seguir o entrecho do romance; que perde de vista a ideia metafísica do autor, para não ver nos acontecimentos narrados senão acontecimentos; a que não tem o ridículo descoco de repetir após a leitura o *qu'est ce que cela prouve* de filosófica e insuportável memória. É a que folga com os casamentos no final das novelas, chora sinceramente a morte da heroína, sonha com a beleza do herói e odeia do coração o pai, o tio, tutor ou conselho de família que se opõe à realização dos castos desejos dos dois amantes.

É assim que eu compreendo a mulher, pois é assim que eu sou formada, eu e as minhas amigas todas. Ora é exactamente o contrário disto que os senhores nos fazem. Quer para bem, quer para mal, nunca os poetas, romancistas e filósofos nos pintam tais como somos. É vulgar chamarem-nos anjos e demónios, raríssimo que nos chamem simplesmente mulheres.

[...]

Depois de acabar de ler o folhetim de v. s.^a, tive vontade de lhe responder imediatamente para refutar, um por um, os aforismos com que o termina, dos quais nenhum lhe posso admitir; mas há tanto tempo que perdi o hábito destes empreendimentos, que me custou a decidir-me.

Se fosse noutro tempo! ...

Noutro tempo era eu também mulher-excepção, mulher extravagância, ou como quiser chamar-lhe. Febricitava-me a vacina do romantismo, como lhe chamou Garrett, o Jenner da nossa literatura, e dava-me então para velar noites inteiras à janela, entre os ramos de trepadeiras que me enfloravam o balcão, vestida com um penteador branco, os cabelos soltos, a face encostada à mão, e de olhos fitos na lua, naquela mesma lua que andava então tanto na moda. Escrevi-lhe uma balada sentimental e não como as de Alfred de Musset, que nos acessos desse derrancado romanticismo, lhe chamou quantas extravagâncias e nomes feios lhe vieram à cabeça, tais como: *o ponto da letra i*, *olho do céu zanaga*, *máscara de um querubim*, *sonsa*, *bola*, *aranha sem pernas* e *relógio dos condenados* e não sei que mais injúrias. Eu não; não ofendi as conveniências, que se devem ter para com um astro-fêmea. A minha balada publiquei-a na *Miscelânea poética*, vasto viveiro de poetas e poetisas que havia por aquele tempo no Porto. Um crítico de então, o qual v. s.^a conhece muito bem,

Discursos

fez-me o favor de me profetizar um auspicioso futuro literário. O crítico enganou-se, acontecimento vulgar nos críticos, assim como eu também me enganei com ele; pois agoirando-lhe igualmente pela minha parte, em vista das suas tendências românticas, a elaboração futura de dez volumes de poesias sentimentais, vinte dramas ultra-românticos e ultra-históricos, etc. etc., vejo-o hoje todo entregue a estudos paleográficos, entre pergaminhos amarelos e monstruosos *in fólhos*, anotando e discutindo *bulas* e *pastorais* e correspondendo-se com bispos, arcebispos e eminentíssimos dignitários da cúria. [...] por isso nunca responderia talvez, se me não instigassem algumas amigas, igualmente escandalizadas como eu, com a falsa fisiologia da mulher, exposta por v. s.^a

Fisiologia da mulher! Principiaremos por aqui.

De duas uma, ou a mulher não é uma entidade moralmente distinta do homem, e então para que tentar presentear-nos com as honras de uma fisiologia especial? Ou o é, e cumpre nesse caso que as descobertas fisiológicas que nos disserem respeito, nos sejam exclusivas, capazes de caracterizar o sexo, de lhe fazer perder o aspecto nebuloso, de que alguns teimam em revesti-lo chamando à mulher um mito e ficando muito satisfeitos de si, como se tivessem dito alguma coisa de jeito.

Ora não estão nesse caso muitas das suas observações, meu caro senhor, as quais são igualmente aplicáveis aos homens e desde então impróprias de uma fisiologia especial do sexo amável.

Mas vamos por ordem.

Rompe v. s.^a por a seguinte proposição:

– *Toda a mulher que cora não é inocente.*

Segue-se uma definição da inocência e uma teoria do pudor, teoria, contra a qual nos revoltamos nós todas com as reminiscências de nossos sentimentos passados.

[...]

Vamos adiante.

Estou suspeitando que v. s.^a há-de ter já feito reparo em me ver tanto em dia com os escritos da Boémia literária de Paris, e feito suas considerações, repletas de bom senso, sobre a inconveniência de tais leituras para uma senhora. Não pode deixar de estar pensando isto, uma vez que é de opinião que – «um livro escondido no estojo de costura ou aberto na gaveta do toucador, pode fazer ajuizar de como pensa nesse dia a dona do toucador e do estojo.» – Asserção, que voltarei a discutir mais tarde.

Por agora deixe-me observar-lhe que sou mãe, que também creio, como o

senhor, «que um mau livro é mais perigoso do que geralmente se julga» – e é esse talvez o único ponto em que estamos de acordo, por ser uma verdade antiga e quase uma banalidade – e que por isso preciso conhecê-los, esses maus livros, para os arredar do quarto de minhas filhas.

[...]

Isto faz supor que as mães precisam ler tudo para saber escolher.

E por estas considerações sou naturalmente conduzida a examinar outra das proposições de v. s.^a

«A mulher virtuosa, que acompanha e convive com a mulher leviana, tem por força defeito grave; ou lhe tomou o exemplo ou se julga exemplar. Uma coisa exclui a outra, mas qualquer delas é péssima.»

Pobres mães que chegastes a reconhecer em vossas filhas os graves sintomas da leviandade, tendes de hoje por diante de cessar a vossa abençoada obra de educação sob pena de se vos apegar o mal que pretendes curar ou serdes tidas na conta de presumidas!

Eu tenho duas filhas, Ernestina e Luísa. Ernestina é de uma sisudez de carácter, de uma constância nos afectos, de uma perseverança nos sentimentos bons que a mim e a todos que a conhecem impõe, apesar dos seus quinze anos apenas, uma certa veneração. Luísa é boa também, mas afectada de leviandade, que cedo principiou a inquietar aquela pobre cabeça. Sei que é volúvel, sinto apreensões pelo seu futuro, temo, – se temo! que pode vir a causar o infortúnio dos que lhe confiarem o seu amor, fazendo-os sacrificar a um mero capricho, a uma fantasia momentânea a mais violenta paixão que se possa inspirar. E sabe a única esperança que me restava ainda? Era a influência benéfica de Ernestina; confiava nela para dominar as más tendências da irmã, não por meio de prédicas presumidas e ridículas mas com a silenciosa eloquência do exemplo, género de educação que, sem repararmos, pouco a pouco se apodera de nós, e cedo nos tem avassalado inteiramente, operando em nossos pensamentos uma completa metamorfose. [...]

DIANA DE AVELEDA

Ana Rita Padeira Navarro é Assistente de Literatura Portuguesa Medieval e Literatura Portuguesa Clássica na Universidade Aberta. É autora de uma tese de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses intitulada *Uma Visão Artística de Portugal – James Murphy e a sua Obra*. Prepara um doutoramento sobre Júlio Dinis.